

## O lugar das mídias no processo de construção imaginária do “inimigo” no caso Marco Feliciano

### El lugar de los medios de comunicación en el proceso de construcción imaginaria de lo “enemigo” en el caso Marco Feliciano

### The place of media in the process of imaginary constructions of the “enemy” in Marco Feliciano case

Magali do Nascimento Cunha<sup>1</sup>

**Resumo** Partindo da assertiva de que as mídias são componentes da dinâmica social e com ela interagem, este trabalho busca identificar, no fenômeno sociopolítico aqui denominado “caso Marco Feliciano”, o lugar das mídias no processo de construção imaginária da configuração coletiva de inimigos. O estudo de caráter exploratório-descritivo se pautou pelo seguinte problema: em que medida e de que forma as mídias brasileiras participaram do processo de construção do imaginário coletivo do “inimigo” no caso Marco Feliciano, de 2013?

**Palavras-chave:** Mídias; Imaginário social; Religião; Política; Marco Feliciano

**Resumen** A partir de la afirmación de que los medios de comunicación son componentes de la dinámica social y interactúan con él, este trabajo tiene como objetivo identificar, en el fenómeno sociopolítico aquí llamado de “caso Marco Feliciano”, el lugar de los medios de comunicación en la construcción imaginaria de la configuración colectiva de enemigos. El estudio exploratorio y descriptivo es guiado por el siguiente problema: ¿en qué medida y cómo los medios de comunicación brasileños participaron en el proceso de construcción del imaginario colectivo del “enemigo” en caso de Marco Feliciano en 2013?

**Palabras-clave:** Medios; Imaginario social; Religião; Política; Marco Feliciano

<sup>1</sup> Doutora em Ciências da Comunicação pela USP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil; magali.cunha@metodista.br.

**Abstract** *Starting from the assertion that the media are components of social dynamics and interact with it, this article aims to identify, in sociopolitical phenomenon here called “Marco Feliciano case”, the place of the media in the process of the imaginary construction of the collective configuration of enemies. The exploratory and descriptive study is guided by the following problem: to what extent and how the Brazilian media participated in the process of collective imaginary construction of the “enemy” in Marco Feliciano case in 2013?*

**Keywords:** *Media; Social imagination; Religion; Politics; Marco Feliciano*

---

Data de submissão: 15/08/2013

Data de aceite: 30/09/2013

## Preliminares

Nos meses de março e abril de 2013 foi possível acompanhar pelas mídias um episódio sem precedentes no Congresso Nacional brasileiro, que potencializou na dinâmica social a relação mídia-religião-política. Em 5 de março foi anunciada pelo Partido Socialista Cristão (PSC) a indicação do membro de sua bancada, o pastor evangélico deputado federal Marco Feliciano (SP), como presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara Federal (CDHM). Foram imediatas as reações de grupos pela causa dos Direitos Humanos ao nome de Marco Feliciano, com a alegação de que o deputado era conhecido em espaços midiáticos por declarações discriminatórias em relação a pessoas negras e homossexuais. O PSC se defendeu dizendo que seguiu um protocolo que lhe deu o direito de indicar a presidência dessa comissão, um processo que estava dentro dos trâmites da democracia tal como estabelecida no Parlamento brasileiro. Isto, certamente, é fonte de reflexões, em especial quanto ao porquê de a defesa dos Direitos Humanos ser colocada pelos grandes partidos como “moeda de troca barata”, como bem expôs Renato Janine Ribeiro (2013). Soma-se a isto o fato de o deputado indicado e o seu partido não apresentarem histórico de envolvimento com a causa dos Direitos Humanos que os qualificassem para o posto.

O que chamou e ainda tem chamado atenção neste caso é a “bola de neve” que ele provocou a partir das reações ao nome do deputado, formada por protestos públicos da parte de diversos segmentos da sociedade civil, pela criação de uma frente parlamentar de oposição à eleição de Feliciano, e pelo estabelecimento de uma guerra religiosa entre evangélicos e ativistas do movimento de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBT) e de movimentos feministas, e entre evangélicos e não cristãos. E esta bola de neve é produto de fatores que se apresentam para além da CDHM, e a expõem como um elemento a mais no complexo quadro da relação entre religião e sociedade no Brasil. Entre estes fatores está a construção imaginária do outro como inimigo, que é objeto deste estudo.

Partindo da assertiva de que as mídias são componentes da dinâmica social e interagem nos processos sócio-históricos, culturais e políticos das diferentes sociedades, este trabalho busca identificar, neste fenômeno sociopolítico aqui denominado “caso Marco Feliciano”, o lugar das mídias no processo de construção imaginária da configuração coletiva de inimigos. Para isso, referencia-se em estudos no campo do imaginário social ancorados na filosofia de Cornelius Castoriadis, na antropologia de Gilbert Durand e na sociologia de Michel Maffesoli. Estes referenciais são base para o estudo de caráter exploratório-descritivo aqui apresentado, que se pautou pelo seguinte problema: em que medida e de que forma as mídias brasileiras participaram do processo de construção do imaginário coletivo do inimigo no caso Marco Feliciano de 2013?

### **Construção social do imaginário e comunicação**

“Imaginário” é compreensão que nasce na filosofia, instigou filósofos de diferentes épocas, historiadores, psicanalistas, antropólogos, sociólogos e vem seduzindo comunicólogos. Os seres humanos vivem de imagens, vivem de imaginação socialmente construída, o que forma e reforma suas crenças, sua linguagem, suas organizações, suas leis, suas atitudes frente às demandas da vida e ao outro. O ser humano é o que é por meio da interação com o outro.

É neste aspecto que o campo da comunicação é fertilizado pelas noções de imaginário. “Tornar comum”, comunicar, é tornar possível a vida em comum. O ser humano precisa do outro: é um ser social. Como pensar a imaginação social sem a comunicação, as trocas, os intercâmbios de ideias, sentimentos, sonhos, desejos? Como pensar os processos comunicacionais que dão forma às apropriações e representações sociais sem considerar a imaginação social, dos coletivos? Como não enxergar o lugar das mídias, cujos discursos se apropriam de imagens socialmente construídas e ao mesmo tempo as representam contribuindo no processo de construção e reconstrução, criação e recriação dessas mesmas e de outras imagens?

Pensar a relação imaginário-comunicação é tomar um fértil campo de estudo e pesquisa, afinal, a vida em sociedade é construída por interações sociais que produzem cultura relacionada a hábitos cotidianos, às formas de comunicação, às leis, regras e convenções sociais, às visões de mundo, aos sonhos e desejos. O filósofo grego Cornelius Castoriadis denomina esta coleção de produtos das interações sociais (figuras/formas/imagens) “significações imaginárias”, que formam um todo coerente, o imaginário, ou seja, são criadas e partilhadas para dar sentido e coesão à existência de um grupo. Para Castoriadis (1995, p. 36), é somente a partir dessas “significações imaginárias” que se pode falar de “alguma coisa”.

Esta compreensão opõe-se a outra, que termina por ainda predominar, num certo senso comum (inclusive em espaços acadêmicos), que contrapõe o imaginário ao real, ao verdadeiro. Defende-se aqui um caminho inverso, em que “nada de humano deve ser estranho” (DURAND, 2002, p. 40), e que vê o imaginário como elemento muito concreto, inserido na realidade, como algo que está para além dos indivíduos:

[...] o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado-nação, de uma comunidade, etc. O imaginário estabelece vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual. (MAFFESOLI, 2001, p. 76).

O imaginário é, portanto, um componente da existência humana como experiência marcadamente social, que dá sentido à vida coletiva e é ressignificado por ela, tornando-se um elemento em permanente construção. Imaginário é a elaboração coletiva da coleção de imagens formada pelo ser humano, de tudo o que ele apreende visualmente e experiencialmente do mundo (CUNHA, 2011, p. 38). Ele é, pois, socializado por processos comunicacionais por meio dos quais o ser humano interage, de forma interpessoal e massiva, mediada ou não.

É nesta compreensão da relação com o real e o ordinário que se concebe a perspectiva simbólica do imaginário, relacionada aos mitos e aos arquétipos. Gilbert Durand dedicou seus estudos com base nesta noção, estabelecendo o que denominou “trajeto antropológico”. No delinea-

mento deste trajeto, o antropólogo se inspira nos estudos de Carl Gustav Jung dos arquétipos (do grego *archétipos*, ‘impressão/marca do princípio’) tratados como “imagem original”, “protótipo”, o primeiro modelo ou marca de alguma coisa. Nesse sentido, arquétipo é assim evidenciado pelo psicanalista:

A imagem primordial deve incontestavelmente estar em relação com certos processos perceptíveis da natureza que se reproduzem sem cessar e são sempre ativos, mas por outro lado é igualmente indubitável que ela diz respeito também a certas condições interiores da vida do espírito e da vida em geral [...] (JUNG *apud* DURAND, 2002, p. 60).

Durand (2002, p. 61) defende a importância “essencial” dos arquétipos, que constituem “o ponto de junção entre o imaginário e os processos racionais”. Por isso são muitos os arquétipos: da figura materna, do irmão, do herói, do amante, do bem-sucedido, do velho sábio, do inimigo, do bem e do mal, da sombra, da *anima* (alma), entre outros socialmente construídos ao longo da história humana.

É que, com efeito, os arquétipos ligam-se a imagens muito diferenciadas pelas culturas e nas quais vários esquemas se vêm imbricar. Encontramos, então, na presença do símbolo em sentido estrito, símbolos que assumem tanto mais importância quanto são ricos em sentidos diferentes (DURAND, 2002, p. 62).

É assim que o imaginário cria significações que vão constituir as instituições sociais (línguas, família, leis, governos, religiões). Um movimento instituinte constante, que dá sentido a múltiplos componentes sociais, entre eles as identidades individuais e coletivas. É na constituição identitária que estão presentes duas noções que motivam este estudo: o outro e o não outro, ou o inimigo.

### **Imaginário, identidade, a noção de outro e de inimigo**

Identidade é um conceito estudado por diferentes campos do conhecimento, como a psicologia social, a psicanálise, a filosofia, a antropologia, a sociologia, com diferentes abordagens e ênfases. Uma das noções que

tem estreita relação com o que trata este estudo é a de identidade como *representação* – como *imagem*. Trata-se do sentido ou da forma que um indivíduo ou grupo social atribui de si, para si mesmo e para os outros, e por meio da qual se reconhece, reconhece o outro e estabelece relação com o outro.

Cornelius Castoriadis (1995) refere-se a esta noção quando indica a necessidade de a sociedade responder a perguntas que são fundamentais para sua existência plena: “Quem somos nós?”, “O que queremos?”, “O que desejamos?”. A resposta a tais perguntas designam a forma como os indivíduos e os grupos sociais se constituem e as imagens que eles têm do mundo, dos objetos e dos seres que compõem este mundo, bem como a imagem que fazem de si mesmos, de suas necessidades, de suas finalidades e de seus valores. Da resposta a estas indagações é tecida a ideia de identidade que se estabelece.

Nestas abordagens é indicado um elemento relevante para a compreensão da identidade: “o outro”. Pois a construção da identidade também é produzida em referência aos outros, a como os outros aceitam, admitem e acreditam na autoimagem definida, bem como em referência à imagem que os outros constroem sobre o indivíduo. Este processo pode provocar mudanças e transformações, no decorrer das quais surge o fenômeno da *negação*: a definição e a redefinição da autoimagem, com base naquilo que “não se é” ou naquilo que “não se faz” – com os olhos voltados para o outro.

Nicole Loraux (1990) contribui com esta reflexão, ao oferecer um exemplo tomado da Grécia antiga. Trata-se do discurso no processo de construção da identidade dos atenienses. Na lógica autóctone ateniense, os “outros”, gregos ou estrangeiros, servem de contraste para a exaltação do “mesmo”: o eu ateniense tem necessidade dos outros para afirmar-se a si próprio, com base na oposição ao que definem como o contrário de sua identidade: evocados, os outros são, prontamente, “exilados nas fronteiras da grecidade”. O discurso autóctone encontrado na produção dos pensadores gregos atenienses faz da população de Atenas os únicos gregos autênticos, os verdadeiros cidadãos, com base na rejeição dos outros, da afirmação do seu “não ser”, ou do outro como

“não outro”. Na compreensão de Loraux, reside aí uma significativa elucidação: em um pensamento sobre o mesmo, em um enunciado do tipo “somente nós, entre todos os Gregos, não somos imigrantes” reina o movimento, princípio da alteridade, onde é preciso se situar quando se pretende rejeitar o outro.

Nesta mesma perspectiva estão os estudos de Bronislaw Baczko sobre a imaginação social. Para Baczko (1985, p. 309), designar uma identidade coletiva é

delimitar o seu “território” e as suas relações com o meio ambiente e, designadamente, com os “outros”; e corresponde ainda a formar as imagens dos inimigos e dos amigos, rivais e aliados, etc. O imaginário social elaborado e consolidado por uma coletividade é uma das respostas que esta dá aos seus conflitos, divisões e violências reais ou potenciais. Todas as coletividades têm os seus modos de funcionamento específicos a este tipo de representações.

É nessa corrente de pensamento que podemos identificar a criação imaginária do inimigo, da negação do outro, um arquétipo derivado da oposição arquetípica bem-mal. Para Jung o arquétipo da sombra é relacionado à falha pessoal (“gafe, deslize”), sendo atribuída à personalidade consciente como um defeito; é uma imagem que “personifica tudo o que o sujeito não reconhece em si e sempre o importuna, direta ou indiretamente, como por exemplo traços inferiores de caráter e outras tendências incompatíveis” (JUNG, 2002, p. 277). O pensador indica que o ser humano cria também a figura da sombra coletiva, uma soma de todos os traços de caráter inferior; daí podemos pensar na criação dos inimigos. Um destacado exemplo, no campo da religião, é a figura do diabo, sobre a qual Jung oferece uma explicação sociopsicanalítica:

a sombra que neste caso ultrapassaria muito a sombra pessoal podendo ser comparada por isso com um princípio como o do mal . Trata-se da sombra colossal projetada pelo homem, a qual o nosso tempo teve que experimentar de um modo chocante. [...] O mal é o oposto necessário do bem; sem ele não existiria o bem. Nem mesmo podemos prescindir do primeiro (JUNG, 2002, p. 317).



Dessa forma, as narrativas mitológicas, as lendas, os contos de fadas, os romances revestem-se de expressões imaginárias nas quais a imagem do inimigo e a do diabo e do diabólico são fartamente desenvolvidas. É assim que surgem as figuras dos vilões, como das bruxas, das mardastas (o lugar da mulher tem ampla reflexão), dos gênios, dos piratas, também associados a governantes e outras lideranças. As narrativas históricas e noticiosas, construídas a partir dos imaginários coletivos e da memória resultante de processos hegemônicos, também serão permeadas por estas imagens arquetípicas. A assimilação e a propagação deste imaginário que orienta a interpretação da realidade, da visão de mundo dos grupos sociais, devem-se à tradição oral e aos artefatos técnicos (manuais, mecânicos e eletrônicos), o que Maffesoli denomina “tecnologias do imaginário”:

O imaginário é alimentado por tecnologias [...] pois o imaginário, enquanto comunhão, é sempre comunicação. Internet é uma tecnologia da interatividade que alimenta e é alimentada por imaginários. Existe um aspecto racional, utilitário, de Internet, mas isso representa apenas uma parte desse fenômeno. O mais importante é a relação, a circulação de signos, as relações estabelecidas. Da mesma forma, a televisão e a publicidade articulam o emocional e a técnica. Tem lógica nisso, pois a lógica da imagem é sempre técnica (MAFFESOLI, 2001, p. 80).

A partir daí é possível afirmar que as mídias, como tecnologias do imaginário, e seus agentes participam da dinâmica social de construção de imaginários e são alimentadas e alimentam, no seu processo criador, os processos instituintes de imagens dos seus públicos sobre si próprios e sobre o outro.

O criador, mesmo na publicidade, só é criador na medida em que consegue captar o que circula na sociedade. Ele precisa corresponder a uma atmosfera. O criador dá forma ao que existe nos espíritos, ao que está aí, ao que existe de maneira informal ou disforme. A publicidade e o cinema lidam, por exemplo, com arquétipos. Isso significa que o criador deve estar em sintonia com o vivido. O arquétipo só existe porque se enraíza na existência social. Assim, uma visão esquemática, manipulatória, não dá conta do real, embora tenha uma parte de verdade. A genialidade implica

a capacidade de estar em sintonia com o espírito coletivo. Portanto, as tecnologias do imaginário bebem em fontes imaginárias para alimentar imaginários (MAFFESOLI, 2001, p. 81).

E aqui se aporta o objeto deste estudo: a construção do imaginário do inimigo pelas mídias no, aqui denominado, caso Marco Feliciano. Nos episódios que potencializaram a relação mídia, religião e política nos meses de março e abril de 2013, dois grupos se colocaram como protagonistas e contrapostos: (1) Marco Feliciano e os fiéis cristãos com ele identificados, como seu representante no Congresso Nacional, majoritariamente evangélicos, mas também católicos romanos, e (2) os ativistas e simpatizantes de movimentos negros, LGBT e feministas, que se sentiram atingidos por pronunciamentos do deputado classificados como racistas e homofóbicos, o que o desqualificaria como presidente de uma comissão de direitos humanos, mais os fiéis cristãos não identificados com Marco Feliciano.

Este processo de construção imaginária está inserido em contextos e é configurado por fatores, como já indicado na introdução deste estudo, que se colocam para além da CDHM ou da religião, e entre eles está o lugar das mídias, o que passa a ser explorado descritivamente a seguir.

### **Um elemento estimulante: o conservadorismo de Marco Feliciano e de seus “soldados”**

Um dos elementos estimulantes à imaginação social em torno do pastor e deputado Marco Feliciano como inimigo foram as declarações feitas por ele mesmo em pregações religiosas em igrejas e por meio de redes sociais, classificadas publicamente como racistas, homofóbicas e intolerantes do ponto de vista religioso. A primeira declaração foi postada no Twitter, em 31 de março de 2011, quando o pastor já tinha o cargo de deputado, e gerou expressiva quantidade de reações e denúncias nas redes sociais, mas também apoios da parte de fiéis evangélicos, com significativa cobertura nas mídias noticiosas.

A segunda declaração foi também postada no Twitter, quando o deputado Marco Feliciano resolveu responder a um grupo de homosse-



Figuras 1 e 2. Postagens do Pastor Marco Feliciano no Twitter.

xuais que questionava suas afirmações, na mesma data, e também gerou novamente grande quantidade de reações pelas redes e cobertura das mídias.

As duas declarações renderam ao deputado Marco Feliciano um processo no Supremo Tribunal Federal por discriminação, com absolvição meses depois.

Quando o nome do pastor foi proposto para a presidência da CDHM, grupos de oposição passaram a divulgar outros materiais, anteriores ao período dele como deputado, contendo afirmações polêmicas reveladoras da formação do seu pensamento. Duas foram amplamente noticiadas e debatidas nas redes sociais: uma veiculada no Youtube, em que Feliciano, em sermão proferido em um culto em 2005, na cidade de Camboriú

(SC), usa como exemplo da ação poderosa de Deus o acidente de avião que matou todos os integrantes da banda Mamonas Assassinas, em 1996:

O avião estava no céu, região do ministro do juízo de Deus. Lá na Serra da Cantareira, ao invés de virar para um lado, o manche tocou pra outro. Um anjo pôs o dedo no manche e Deus fulminou aqueles que tentaram colocar palavras torpes na boca das nossas crianças (YOUTUBE. Marcos Feliciano: “Deus matou Os Mamonas Assassinas”).

A outra afirmação foi feita durante o mesmo sermão. O pastor Marco Feliciano cita outro exemplo, afirmando que o *beatle* John Lennon foi morto por três tiros à queima-roupa porque declarou que a banda era mais famosa do que Jesus Cristo. No sermão, o pastor, sob aplausos da multidão presente, condena o músico e diz:

Eu queria estar lá quando descobriram o corpo dele. Ia tirar o pano de cima e dizer: “me perdoe, John, mas esse primeiro tiro é em nome do pai. Esse é em nome do filho, e esse em nome do espírito santo. Ninguém afronta Deus e sobrevive para debochar” (YOUTUBE. Marcos Feliciano: “Deus matou John Lennon”).

Em outro vídeo polêmico que passou a circular na internet em abril de 2013, o deputado e pastor Feliciano afirma que os cantores Caetano Veloso e Lady Gaga têm sucesso por conta de um pacto com o diabo, que, no discurso, é associado ao candomblé.

Alguns anos atrás, um cidadão sentado num banquinho, fazendo show com uma viola, cantou uma música chamada “Sozinho” e vendeu, em uma semana e meia, 1 milhão de cópias. Aí perguntaram para Caetano Veloso, qual era o seu segredo. E ele disse: “meu segredo é Mãe Menininha do Patuá (sic). Antes de cantar, eu levo para ela que, possuída pelos orixás, diz pode gravar porque eu abençoo”. Não subestime o diabo, porque ele tem poder (YOUTUBE. Marcos Feliciano: “Caetano Veloso, Mãe Menininha do Gantois e Lady Gaga”).

Mesmo com todas estas controvérsias em torno da sua imagem, o deputado fez nova afirmação que gerou protestos, depois de ter tomado posse como presidente da CDHM, em um culto gravado em vídeo em 29 de março de 2013. Ao comentar um protesto contra ele que ocorria do

lado de fora da igreja, afirmou: “Essa manifestação toda se dá porque, pela primeira vez na história desse Brasil, um pastor cheio de Espírito Santo conquistou o espaço que até ontem era dominado por Satanás” (YOUTUBE. Marcos Feliciano-Passos-MG 2).

Historicamente, a imagem dos “evangélicos” no Brasil foi construída fundamentalmente com base na identidade de dois grupos de cristãos não católicos: os protestantes de diferentes confissões que chegaram por meio de missões dos Estados Unidos, a partir da segunda metade do século XIX, e os pentecostais, que aportaram em terras brasileiras na primeira década do século XX, vindos daquele mesmo país. Esta imagem sempre mostrou ao Brasil um segmento cristão predominantemente conservador teologicamente, marcado por um fundamentalismo bíblico, um dualismo que separava a igreja do “mundo”/a sociedade e um anticaltolicismo (CUNHA, 2007).

Desta forma, não está fora do contexto que um pastor evangélico reproduza em seus sermões modernos e de forte apelo emocional uma abordagem teológica tão antiga como a que embasa a ideologia racista, por meio da leitura fundamentalista de textos do Gênesis que contêm a narrativa da descendência de Noé. Também é contextualmente coerente que Marco Feliciano conduza sua reflexão teológica por meio de bases que justifiquem a existência de um Deus guerreiro e belicoso, que tem ao seu redor anjos vingadores, que destrói John Lennon ou os Mamonas Assassinas, continuando o que já fazia com os povos africanos herdeiros do filho de Noé, e que, nesta linha, certamente fará aos que assumem e apregoam o homossexualismo. Corresponde também ao perfil das múltiplas identidades dos evangélicos que o líder religioso reaja a quem lhe faz oposição ou tenha posição diferente da sua classificando-o como agente do diabo, e assim foram sinalizadas a própria formação anterior da Comissão de Direitos Humanos e celebridades como o cantor Caetano Veloso.

Para compreender os componentes discursivos de Feliciano e o apoio que ele recebe de diversos segmentos evangélicos é preciso atentar à formação identitária desse grupo, que, desde o século XIX, na sua diversidade, sempre foi composto por correntes ideológica e teologicamente

conservadoras e fundamentalistas (CUNHA, 2012). Não há novidade aqui. Muitos “marcos felicianos” existiram e existem entre os evangélicos.

O que diferencia o momento em torno do caso Marco Feliciano é a maior visibilidade ao segmento evangélico pela projeção que as mídias, por meio de dezenas de matérias em todo o país, deram ao deputado e a seus discursos, interagindo com o processo de construção de inimigos.

Simultaneamente à ampla cobertura das mídias ao caso, incluindo programas de entrevistas e de debates, as redes sociais digitais foram infladas com calorosas manifestações contrárias não só aos discursos como à presença do deputado Marco Feliciano na CDHM. Foi nas redes pela internet que surgiu a frase que se popularizou rapidamente: “Feliciano não me representa” e que era expressa em cartazes divulgados nesses espaços e também nas ruas, nas dezenas de protestos públicos em diversas partes do país, agendados especialmente pelo Facebook e o Twitter, muitos deles com tom humorístico e lúdico, próprios da forma cultural brasileira de protestar.



Figura 3. Fotos-protesto contra o deputado Marco Feliciano. Fonte: Facebook.



**Figura 4.** Protestos públicos contra o deputado Marco Feliciano.

Fontes: <http://agenciabrasil.ebc.com.br>; <http://fotografia.folha.uol.com.br>

Essa potência ao caso, possibilitada pelas mídias noticiosas e pelas redes sociais digitais, foi ainda mais intensificada com os registros de apoios recebidos pelo deputado Marco Feliciano de figuras conhecidas como controversas, como o deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ) e o pastor Silas Malafaia.

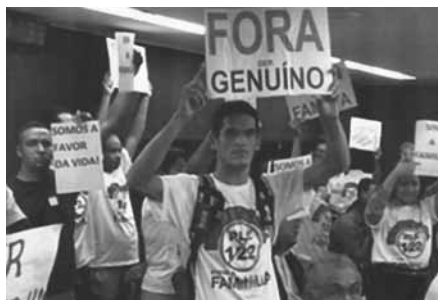
O deputado Bolsonaro tem um histórico de posicionamentos racistas e de conflito com ativistas sociais e militantes de movimentos *gays*. Suplente da CDHM, no auge das polêmicas do caso Marco Feliciano, o deputado afirmou a jornalistas que se sentia como “irmão” do presidente da comissão. “Como capitão do Exército, sou um soldado do Feliciano”, declarou, em matérias divulgadas pelas mídias, e acrescentou:

A agenda antes era outra, de uma minoria que não tinha nada a ver. Hoje, representamos as verdadeiras minorias. Acredito no Feliciano, de coração. Até parece que ele é meu irmão de muito tempo. Não sinto mais aquele cheiro esquisito que tinha aqui dentro e aquele peso nas costas. Aqui, era uma comissão que era voltada contra os interesses humanos, contra os interesses das crianças e contra os interesses da família. Agora, essa comissão está no caminho certo. Parabéns, Feliciano. (“SOU um soldado do Feliciano”, afirma o deputado Jair Bolsonaro. *G1*, 27 mar. 2013)

No campo das igrejas, o pastor Silas Malafaia, conhecido por polêmicas midiáticas desde a campanha presidencial de 2010, quando discursou contra Dilma Rousseff, a quem classificava de promotora da homossexualidade e do aborto, alistou-se nas fileiras do deputado Feliciano e

tornou-se seu defensor e colaborador desde o início da controvérsia da presidência da CDHM.

Estas alianças produziram efeitos na qualidade do discurso de Marco Feliciano. Os benefícios proporcionados pela aproximação com lideranças mais experientes ficaram evidentes nas mudanças no discurso do deputado, como de “Só saio da presidência da CDH morto” para “Só saio da presidência da CDH se os deputados condenados pelo julgamento do mensalão, José Genoíno e João Paulo Cunha, ambos do PT, deixarem a Comissão de Constituição e Justiça”. Com isso, o deputado conseguiu atrair a simpatia de setores de oposição ao governo federal e ao PT, que deram amplo destaque à cobertura do julgamento do Superior Tribunal de Justiça, que, embora revelassem não apoiar seu nome na presidência da CDHM, demandavam “a cabeça” dos condenados. Manifestantes pró-deputado Marco Feliciano passaram a se expor publicamente a partir daí.



**Figura 5.** Manifestantes pró-Marco Feliciano se expõem. Fonte: Portal G1 ([www.g1.globo.com](http://www.g1.globo.com))

### **Inimigos, um componente do imaginário evangélico**

Exércitos precisam de inimigos. A teologia de um Deus guerreiro e belicoso sempre esteve presente na formação fundamentalista dos evangélicos brasileiros, compondo o seu imaginário e criando a necessidade da identificação de inimigos a serem combatidos. Historicamente, a Igreja Católica Romana sempre foi identificada como tal e sempre foi combatida não só no campo simbólico, mas também no físico-geográfico. Da mesma forma, as religiões afro-brasileiras também ocupam este lugar, especialmente no imaginário dos grupos pentecostais (CUNHA, 2012).



Periodicamente, estes “inimigos” restritos ao campo religioso perdem força quando se renovam, como é o caso da Igreja Católica, a partir dos anos 1960, ou quando aparecem outros que trazem ameaças mais amplas. Assim foram interpretados os comunistas no período da Guerra Fria no mundo e da ditadura militar. Há também um imperativo imaginário de se atualizar os combates, quando a insistência em determinados grupos leva a um desgaste da guerra. Durante o processo de redemocratização brasileira nos anos 1980, o espaço que vinha sendo conquistado pelo Partido dos Trabalhadores, interpretado como nítido representante do perigo comunista, foi reconhecido como ameaça, e campanhas evangélicas contra o Partido dos Trabalhadores (PT) reverberaram de forma religiosa o que se expunha nas trincheiras da política (BORGES, 2007).

Com o enfraquecimento do ideal comunista nos anos 1990 e com a chegada do PT ao poder nacional com o apoio dos próprios evangélicos, a força das construções imaginárias estadunidenses intensamente presentes nas mídias noticiosas abriu lugar para a atenção à ameaça islâmica, e houve algum espaço entre evangélicos no Brasil para discursos de combate ao islã. No entanto, como esta ameaça está bem distante da realidade brasileira – não se configura um inimigo tão perigoso nestas terras –, emerge, mais uma vez, o imperativo de se atualizar os combates. Não mais catolicismo, nem comunismo, não tanto islamismo... Quem se configuraria como novo inimigo? Desta vez, um inimigo contra a religião e seus princípios, contra a Bíblia, contra Deus, contra o Brasil e as famílias: o homossexualismo.

Declarações de Marco Feliciano na mídia noticiosa expressam bem este espírito belicoso:

“É um assunto tão podre! Toda vez que se fala de sexo entre pessoas do mesmo sexo ninguém quer colocar a mão, porque é podre. Por causa disso, um grupo de 2% da população – os *gays* – consegue se levantar e oprimir uma nação com 90% de cristãos, entre católicos e evangélicos, e até pessoas que não têm religião, mas que primam pelo bem-estar da família, pelo curso natural das coisas” (Rede Brasil Atual, 1/3/2013).

“Existe uma ditadura chamada [...] ‘gayzista’. Eles querem impor o seu estilo de vida e a sua condição sobre mim. E eles lutam contra a minha

liberdade de pensamento e de expressão. Eles lutam pela liberdade sexual deles. Só que antes da liberdade sexual deles, que é secundária, tem que ser permitida a minha liberdade intelectual. A minha liberdade de expressão. Eu posso pensar. Se tirarem o meu poder de pensar, eu não vivo. Eu vegeto e morro.” (TRANSCRIÇÃO da entrevista de Marco Feliciano à *Folha* e ao UOL, *Folha de São Paulo On-Line*, 2 abr. 2013).

Consequência da eleição de inimigos e do combate a eles é o discurso de que há uma perseguição da parte de quem se faz contrário, promovida pelo maior inimigo de Deus, Satanás. Esta ideia está claramente presente em afirmações de Feliciano nas mídias, como: “Eu morro, mas não abandono minha fé”; “A situação está tomando dimensões muito estranhas. É assustador, estou me sentindo perseguido como aquela cubana lá. Como é o nome? A Yoani Sánchez”; “Se é para gritar, tem um povo que sabe o que é grito. Nós (evangélicos) sabemos qual é o poder da nossa fé”.

A insistência da mídia noticiosa em enfatizar a guerra entre Feliciano e homossexuais, com o lado “inimigo” representado por um deputado, na mesma condição do primeiro, Jean Wyllys (PSOL/RJ), ativista do movimento LGBT, só fez reforçar a reconstrução do imaginário evangélico da guerra aos inimigos e da perseguição consequente. Isso gerou manifestações diversas de apoio a Feliciano entre evangélicos dos mais diferentes segmentos, e ações como a da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), realizada em Brasília em abril de 2013, que aprovou uma moção de apoio a Feliciano, aprovada em votação simbólica por unanimidade. Feliciano agradeceu o apoio dizendo que “nunca houve uma comissão com tanta oração. Os pastores estão orando pela minha vida e pela comissão. Venceremos esta batalha” (CGADB aprova moção de apoio a Marco Feliciano. *CPAD News*, 10 abr. 2013).

Há ainda uma explosão de postagens de apoio nas mídias digitais, em especial nas redes sociais, até mesmo uma “Campanha urgente: Marco Feliciano presidente do Brasil”, diz o texto e comentários padrão disseminados: “Eu sou cristão, a favor da democracia, da vida e da família brasileira. Marco Feliciano me representa”.

A declaração de Silas Malafaia à *Folha de S. Paulo* sobre a repercussão do caso entre os evangélicos e simpatizantes reflete bem este espíri-

to: “Quero agradecer ao movimento *gay*. Quanto mais tempo perderem com o Feliciano, maior será a bancada evangélica em 2014” (FELICIANO receberá o dobro de votos em 2014, prevê Silas Malafaia. *Folha de S. Paulo On-Line*, 7 abr. 2013).

## A guerra da visibilidade

Parte das estratégias no quadro das disputas político-ideológicas baseadas no enfrentamento de inimigos estabelecidos simbolicamente é criar uma “guerra” pela visibilidade, que comumente envolve números e exposição nas mídias. Esta guerra ficou explicitada já na competição entre lideranças da Marcha para Jesus, realizada no Rio de Janeiro, e da Parada do Orgulho Gay, realizada em São Paulo. O pastor Silas Malafaia se expôs nas mídias noticiosas para discursar com ironia contra os altos números da Parada Gay divulgados em reportagens (na casa do milhão), indicando que o Instituto Datafolha estimou números bem menores, na casa dos 200 mil. O líder da Manifestação de Brasília provocou ao final do seu discurso no evento: “Quero ver o movimento *gay* botar 30 mil pessoas aqui no meio da semana”, ou no Twitter:



Figura 6. Competição por números.

Outra estratégia da retórica que alimenta a construção do imaginário do inimigo é reforçar a ideia da perseguição com argumentos como “querem nos calar” ou “não nos dão o mesmo valor como dão a eles [os inimigos]” ou “vejam quantos aliados contra nós”. E esta prática foi amplamente identificada em discursos de apoiadores da Manifestação de Brasília por meio de *blogs* e das redes sociais, alegando a pequena ou quase inexistente cobertura das mídias noticiosas ao evento dos evangélicos, diferentemente da ampla cobertura da Parada Gay:



Figura 7. Retórica da perseguição.

Novos contornos foram dados a esta disputa quando da visita do Papa Francisco ao Brasil, em julho de 2013. O deputado federal e pastor Marco Feliciano e o pastor Silas Malafaia publicaram nas redes sociais digitais críticas à cobertura predominante nas telas de TV, denunciando a desvantagem dos evangélicos no tratamento, com discurso que coloca os evangélicos, mais uma vez, como competidores em vantagem pela hegemonia do campo religioso.

São quadros ilustrativos que explicitam o clima de disputa e o imaginário de inimizades e perseguição compondo o campo religioso e midiático.



Figura 8. Retórica da perseguição.

## Observações conclusivas: um paradigma na relação mídia-religião

O caso Marco Feliciano pode ser considerado um paradigma pelo fato de ser a primeira vez na história em que os evangélicos no Brasil se colocam com um bloco organicamente articulado, com projeto temático definido: a defesa da família. O caso se estendeu pelo ano de 2013 não só nas manifestações políticas populares nas ruas que marcaram o mês de junho de 2013 no Brasil, mas também nas marchas religiosas organizadas por evangélicos em todo o Brasil, denominadas Marcha para Jesus (em maio e junho), e na Marcha pela Família e a Liberdade de Expressão, em Brasília, em junho, em frente ao Congresso Nacional, liderada pelo pastor Silas Malafaia. Votações de Projetos de Lei no Congresso refe-

rentes a direitos sexuais têm reacendido as disputas (APÓS protestos, cura *gay* vai temporariamente para o arquivo, *Senado na mídia*, 3 jul. 2013).

É uma história ainda em curso, sem indicativos conclusivos, cujos desdobramentos devem ser acompanhados e estudados. Como foi possível descrever por meio do estudo exploratório aqui apresentado, as mídias como tecnologias do imaginário tiveram intensa interação com o caso, potencializando polarizações e reconstruções imaginárias. O deputado Feliciano foi entrevistado por todos os grandes veículos de imprensa e já participou dos mais variados programas de entretenimento – de *talk-shows* a *games*. Fica nítido que os veículos não desprezam a dimensão das controvérsias relacionadas ao caso, somadas à atraente questão da homossexualidade, que mexe com imaginários, emoções e paixões humanas e expõe a vida íntima de celebridades, como a revelação da opção sexual da cantora Daniela Mercury, que veio à tona na trilha desta história, bebendo em fontes imaginárias para alimentar imaginários, como indica Maffesoli. O sociólogo ainda ressalta que as mídias, como tecnologias do imaginário, dão forma ao que existe nos espíritos. É este o fenômeno identificável no caso Marco Feliciano.

Tudo isto representa transformações na relação entre mídia e religião, com efeitos políticos. Essas transformações merecem ser monitoradas e esclarecidas, tendo em vista a complexidade das relações sociais, especialmente no que diz respeito à religião, e devem ser potencializadas em períodos eleitorais.

## Referências

- BACZKO, B. A imaginação social. In: LEACH, E. et al. *Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BORGES, T. D. P. *Representação partidária e a presença dos evangélicos na política brasileira*. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo.
- CASTORIADIS, C. *A instituição imaginária da sociedade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

- \_\_\_\_\_. *As encruzilhadas do labirinto*. v. II: Os domínios do homem. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- CUNHA, M. N. C. Marcha pela família e a liberdade: “Quem já viu este filme?”. *Instituto Humanitas Unisinos*, 5 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/520675-marcha-pela-familia-e-a-liberdade-quem-ja-viu-este-filme>>. Acesso em: 7 mai. 2013.
- \_\_\_\_\_. Religião na esfera pública: a tríade mídia, mercado e política e a reconstrução da imagem dos evangélicos brasileiros na contemporaneidade. In: REBLIN, I. A.; VON SINER, R. (Orgs.). *Religião e sociedade: desafios contemporâneos*. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2012.
- \_\_\_\_\_. Da imagem à imaginação e ao imaginário: elementos-chave para os estudos em comunicação e cultura. In: BARROS, L. M. *Discursos midiáticos: representações e apropriações culturais*. São Bernardo do Campo: Editora Metodista, 2011.
- \_\_\_\_\_. *A explosão gospel*. Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico brasileiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LORAUX, N. Gloire du Même, prestige de l’Autre. Variations grecques sur l’origine. *Le Genre Humain*. Editora du Seuil, Paris, n. 21, p. 115-141, Printemps 1990.
- MAFFESOLI, M. O imaginário é uma realidade. *FAMECOS*, Porto Alegre, n. 15, p. 74-82, ago. 2001. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/285/217>>. Acesso em: 12 abr. 2013.
- RIBEIRO, R. J. Os direitos humanos em mãos impróprias. *Observatório da Imprensa*, n. 740, 2 abr. 2013. Disponível em: <[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/\\_ed740\\_os\\_direitos\\_humanos\\_em\\_maos\\_improprias](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed740_os_direitos_humanos_em_maos_improprias)>. Acesso em: 7 mai. 2013.

## FONTES

- APÓS protestos, cura *gay* vai temporariamente para o arquivo, Senado na mídia, 3 jul. 2013. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/noticias/senadonamidia/noticia.asp?n=852077&t=1>>. Acesso em: 20 jul. 2013.
- CGADB aprova moção de apoio a Marco Feliciano. *CPAD News*, 10 abr. 2013. Disponível em: <<http://www.cpadnews.com.br/integra.php?s=12&i=15350>>. Acesso em: 7 mai. 2013.
- EM vídeo, Feliciano diz que Deus ‘matou’ John Lennon. *O Estado de S. Paulo*, 8 abr. 2013. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,em-video-feliciano-diz-que-deus-matou-john-lennon,1018383,0.htm>>. Acesso em: 7 mai. 2013.
- FELICIANO receberá o dobro de votos em 2014, prevê Silas Malafaia. *Folha de S. Paulo On-Line*, 7 abr. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/1258589-feliciano-recebera-o-dobro-de-votos-em-2014-preve-silas-malafaia.shtml>>. Acesso em: 7 mai. 2013.

- “SOU um soldado do Feliciano”, afirma deputado Jair Bolsonaro. *G1*, 27 mar. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/03/sou-um-soldado-do-feliciano-afirma-deputado-jair-bolsonaro.html>>. Acesso em: 12 abr. 2013.
- TRANSCRIÇÃO da entrevista de Marco Feliciano à *Folha* e ao UOL, *Folha de S. Paulo On-Line*, 2 abr. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/poderepolitica/1255829-leia-a-transcricao-da-entrevista-de-marco-feliciano-a-folha-e-ao-uol-parte-2.shtml>>. Acesso em: 7 mai. 2013.
- YOUTUBE. Marcos Feliciano: “Deus matou Os Mamonas Assassinas”. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?feature=player\\_embedded&v=qKR8Jkm5gnc](http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=qKR8Jkm5gnc)>. Acesso em: 7 mai. 2013.
- YOUTUBE. Marcos Feliciano: “Deus matou John Lennon”. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?feature=player\\_embedded&v=VMpYWvGvMZg](http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=VMpYWvGvMZg)>. Acesso em: 7 mai. 2013.
- YOUTUBE. Marcos Feliciano: “Caetano Veloso, Mãe Menininha do Gantois e Lady Gaga”. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?feature=player\\_embedded&v=Zla1R6gDCtE](http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=Zla1R6gDCtE)>. Acesso em: 7 mai. 2013.
- YOUTUBE. Marcos Feliciano-Passos-MG 2. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?feature=player\\_embedded&v=P8MbyE7Mjk](http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=P8MbyE7Mjk)>. Acesso em: 7 mai. 2013.